
Aproximações do telejornalismo local com a audiência: uma perspectiva a partir da revisão integrativa e das renovações da interface no contexto da pandemia¹

Ranniery Fonseca de SOUSA²

Lívia CIRNE³

Jorge Luiz SILVA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A cobertura da pandemia representou uma mudança na rotina de produção dos telejornais locais, uma vez que jornalistas tiveram que manter o distanciamento social, houve a necessidade de um rigoroso controle sanitário e, ao mesmo tempo em que medidas urgentes de proteção foram tomadas, a duração de exibição do noticiário teve que ser ampliada, na tentativa de esclarecer a população sobre os efeitos e impactos do novo Coronavírus. Diante dessa conjuntura, observamos que houve uma mudança de interface dos telejornais, pois incidiu-se na renovação estética da cobertura e até mesmo nas formas de reconhecimento do gênero. Este artigo utiliza como metodologia uma breve revisão integrativa (Souza et al, 2010) para diagnosticar como se apostou na aproximação entre a audiência e a redação do telejornal.

Palavras-chave: Telejornalismo Local; Pandemia; Covid-19; Interface; Audiência

Introdução

Em março de 2020, o Ministério da Saúde do Brasil (MS), publicou portaria declarando que o país inteiro estava no estágio de transmissão comunitária do novo Coronavírus. A patologia infecciosa, causada pelo SARS-CoV-2, surgiu em Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. No mês seguinte, a Organização Mundial da Saúde declarou Emergência de Saúde Pública e, em 11 de março de 2020, o mundo viu a Covid-19 ser caracterizada como pandemia pela OMS⁵. O documento do MS reconhecendo que não se tinha mais controle sobre a transmissão no Brasil saiu no

1 Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Jornalista. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). E-mail: rannierysousa@hotmail.com.

3 Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa CONNAU/UFRN/CNPq. E-mail: livia.cirne@ufrn.br.

4 Jornalista. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação Estudos da Mídia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). E-mail: jornalismo.jorge.luz@gmail.com.

5 (OPAS/OMS, 2020). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

dia 20 do corrente mês e, a partir dali, as autoridades admitiam que não se podia mais rastrear quem havia transmitido o vírus em território nacional (VALENTE, 2020). Significava que todos os brasileiros deveriam se preocupar em contrair a doença Covid-19, independentemente se estiveram fora do país ou tivessem contato com alguém que havia chegado de viagem. A partir daquele momento, medidas de combate à disseminação precisavam ser tomadas, incluindo o distanciamento social entre as pessoas.

Não obstante, o telejornalismo precisou rever seus modos de atuação, adaptando protocolos para garantir a veiculação da informação. Para os profissionais da imprensa, que estavam fazendo a cobertura da pior crise sanitária do século, estar longe das redações e de onde a notícia estava acontecendo desencadeou a modalidade de telejornalismo remoto (CERQUEIRA; GOMES, 2020). Isso porque a rotina produtiva diária passou a contar com uma equipe reduzida em estúdio e redação: emergencialmente, alguns, que pertenciam ao grupo de risco foram afastados; outros, trabalharam na modalidade *home-office*, com reportagens gravadas de casa ou mesmo fazendo transmissões ao vivo sem precisar ir até a emissora onde trabalhavam (BELÉM et al., 2020).

Apesar da premissa básica de que um telejornal se faz com imagens e entrevistas captadas em torno do fato, onde ele acontece, a pandemia reformulou métodos nas emissoras (BOAVENTURA; NODARI, 2020). O uso de vídeos captados e enviados pelos telespectadores dos telejornais passou a ser um item básico para construção das reportagens televisivas, neste momento de pandemia. *Softwares* para entrevistas pela internet se tornaram comuns, no sentido de preservar a saúde das fontes de informação e dos jornalistas, sem oferecer riscos de contaminação.

Em comunicado em setembro de 2020, para justificar a cobertura das eleições municipais diferenciada, sem entrevistas presenciais e com a proposição de regras diferenciadas para o debate entre os candidatos, a TV Globo admitiu que precisou alterar os modos de produção nas redações:

Desde o início da pandemia, a Globo tem se esforçado ao máximo para esclarecer o público sobre como evitar o contágio pelo coronavírus. Como prestam um serviço essencial, seus jornalistas não pararam de trabalhar, mas seguem um rígido protocolo para evitar ao máximo que adoecem. (...) O jornalismo fará o que tem feito ao longo de toda essa pandemia: oferecer informação de qualidade, mas

seguindo todos os protocolos sanitários. E precisa dar o exemplo. Não pode cobrar dos outros o que não faz para si. (Portal G1, 2020)⁶

Em se tratando desses novos métodos de construção dos telejornais, atentamos para o fato de que a audiência se deparou – inevitavelmente - com um redesenho de interface, com o agravamento da pandemia. Aqui, utilizamo-nos da perspectiva atribuída por Carlos Scolari (2018), que trata a “interface” como esse espaço de relações não só entre tecnologias, como de seres humanos interligados. Com a pandemia, as transformações da interface, nesse perspectiva de Scolari (2018), foram aceleradas e ficaram mais evidentes, pois ampliou-se a manipulação de instrumentos tecnológicos, o recebimento de informações e o estabelecimento de conversações.

Ora, se por um lado, o distanciamento social necessário por conta do risco de transmissão do Coronavírus afastou as fontes, que não poderiam estar nas locações, gerou aproximação, na medida em que jornalistas se viram forçados a estimular o envio de conteúdos elaborados pelas fontes e pelos telespectadores, a fim de construir as reportagens e alimentarem os quadros.

As fotos, os vídeos e até condução das entrevistas produzidas pela própria fonte ou audiência direcionaram inclusive o olhar das reportagens, já que os jornalistas não puderam mais entrevistar pessoalmente médicos dentro de Unidades de Pronto-Socorro, nem ter contato com pacientes com suspeita de Covid-19, nem denunciar *in loco* a falta de atendimento ou recursos em hospitais, ou ainda adentrar em terminais de ônibus para saber da situação dos transportes públicos, por exemplo. Além de contarem com equipe reduzida, os telejornais locais enfrentaram novos desafios ao criarem novos quadros para preencher o tempo de exibição.

Este artigo apresenta-se como um Estudo de Caso sobre a criação de novas formas de produzir conteúdos jornalísticos na pandemia, tendo como percurso argumentativo dois momentos: um, por meio do método da revisão integrativa (SOUZA et al., 2010), discorrendo sobre as pesquisas que já sinalizavam as estratégias de aproximação adotadas nos telejornais, ao longo dos últimos cinco anos; outro, que verifica como a pandemia potencializou alteração de interface nos telejornais, com mais inserção do telespectador na pauta, uma vez que o jornalismo assumiu protagonismo em um cenário de necessidade extrema de acesso à informação sobre a doença, tendo como

⁶ Pandemia leva Globo a cancelar entrevistas em estúdio e a propor alteração na composição do debate do primeiro turno. Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/09/21/pandemia-leva-a-globo-a-cancelar-entrevistas-em-estudio-e-a-propor-alteracao-na-composicao-do-debate-de-primeiro-turno.ghtml>

base os quatro primeiros meses da pandemia (março a junho de 2020). Como hipótese, acreditamos que essa convocação rendeu maior efeito de proximidade com a audiência.

Esclarecendo o percurso de coleta das pesquisas e o resultado

Ao longo dos anos, os telejornais vêm adotando estratégias que acentuam práticas interacionais entre jornalistas e telespectadores, sejam por meio de renovação das formas narrativas (CIRNE, 2015), da performance dos apresentadores e repórteres (BELÉM; CIRNE, 2019), como por ações participativas, por meio de redes sociais ou quadros colaborativos.

Nesta seção, mapearemos os estudos que abordam essas estratégias, por meio uma revisão integrativa, com o objetivo de resgatar o que já vem sendo proposto pelos telejornais. Segundo Mendes et. al (2008, p.759), “este método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo”. Para isso, percorreremos seis etapas estruturadas (SOUZA et al., 2002): elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na revisão de literatura, coleta de dados, análise dos resultados e, por fim, discussão destes resultados. Neste momento, interessa-nos saber: quais os efeitos de proximidade têm sido adotados pelos telejornais locais? Esse questionamento define os parâmetros de busca ou amostragem, nas bases de dados escolhidas para a pesquisa: o Google Acadêmico, por ser uma das maiores bases de dados de literatura acadêmica do mundo, e os anais dos encontros da Compós, por ser um dos principais congressos de pesquisadores de pós-graduação em Comunicação do País, reunindo trabalhos submetidos à criteriosa avaliação as cegas. Como baliza de busca, optou-se por catalogar os trabalhos publicados nos últimos cinco anos, ou seja, de 2016 a 2020. Faz-se necessário destacar que a amostragem priorizou publicações em português, uma vez que os telejornais locais brasileiros são nosso eixo de análise, sobretudo por serem o lugar de referência para a população (VIZEU; CORREIA, 2008), em todas as classes sociais. Sobretudo, desde o início da pandemia, pois a televisão atuou como o meio mais confiável para obtenção de informações sobre a Covid-19 (RENAULT, 2020).

No Google Acadêmico, as palavras-chaves utilizadas foram “proximidade” e “telejornalismo local”, entre aspas, para que as publicações tivessem a associação entre os termos pesquisados. As caixas de patentes e citações foram desmarcadas, a fim de limitar o quantitativo de resultados, bem como foram selecionadas preferências por

páginas em português. Com isso, foram apresentados 116 resultados e devido ao alto número, a partir do refinamento com a leitura dos títulos e dos resumos das publicações, com foco na pergunta norteadora, foram selecionados 24 resultados, sendo 15 artigos científicos, sete dissertações, uma tese e uma monografia.

Já na base dos anais da Compós, foram pesquisados os trabalhos vinculados aos Grupos de Trabalhos que tinham ementa com discussões que se aproximavam do objeto em questão⁷. Foram eles: Práticas interacionais e linguagens na comunicação, Estudos de Jornalismo e Estudos de Televisão. Assim, selecionamos os trabalhos que tinham no título as seguintes palavras-chaves: “telejornal” ou “telejornalismo”, “televisão” ou “TV”, “proximidade”, “interação”, “colaborativo”. Com isso, foram encontrados 11 artigos, sendo quatro, em 2016; três, em 2017; um, em 2018; um, em 2019, e dois, em 2020.

Com um total de 35 artigos selecionados, nas duas bases de dados, adotou-se mais um filtro, com o objetivo de identificar representatividade regional entre os telejornais que foram objeto de análise das produções científicas nos últimos cinco anos, por isso, optou-se por descartar trabalhos que repetissem o objeto de pesquisa, os telejornais analisados, nos mesmos estados ou cidades. Ao final, ficamos com 12 trabalhos - nove artigos científicos e três dissertações -, chegando a uma amostragem plural⁸, sendo: Sudeste (5), com telejornais analisados no Rio de Janeiro, São Paulo, interior de Minas Gerais e região do Vale do Paraíba (SP); Centro-Oeste (2), com pesquisas em Goiânia e Campo Grande; e Nordeste (1), onde foram analisadas emissoras de Teresina. Além de um, que tem como objeto o canal de notícias pago nacional Globo News e um que tem como objeto a atuação de profissionais do telejornalismo, de modo mais abrangente. Para melhor compreensão desses resultados, o resumo da coleta e as abordagens assumidas nos trabalhos estão dispostas no quadro 1.

Quadro 1 – Síntese da Revisão Integrativa

Título/ano	Telejornal/ emissora analisado(a)	Estratégias de aproximação constatadas no trabalho
Proximidade no telejornalismo local e regional: uma proposta de sistematização/ 2019	Quatro “Praças 1” no interior de Minas Gerais	- Quadros institucionais - Demarcação de territorialidade nas falas de repórteres e

7 No período analisado, registrou-se mudança na quantidade de GTs. De 17 grupos temáticos, nos anos de 2016, 2017 e 2018, para 20 grupos, nos anos de 2019 e 2020. Assim, foram delimitados para busca desta revisão integrativa os GTs que tinham ementa que tangenciava a temática aqui pesquisada.

8 A respeito dos procedimentos metodológicos empregados pelos trabalhos, foi possível constatar uma diversidade de métodos e de técnicas entre as pesquisas: Análise de Conteúdo (3), Observação Participante (3), Estudo de Caso (3), Revisão de Literatura (2) e Questionários (1).

		apresentadores - Envio de vídeos pelos telespectadores
Os impactos tecnológicos nos telejornais regionais: um estudo sobre a produção de notícias no Vale do Paraíba/SP/ 2017	TV Vanguarda e TV Band Vale	- Participação do público enviando material para a emissora
As novas formas de produção no jornalismo contemporâneo: as redes sociais como termômetro da pauta da RecordTVRio/ 2017	RecordTV Rio	- Contato com imprensa comunitária - Contato com o telespectador que envia material por <i>Whatsapp</i>
Os usos do aplicativo “Na Rua” pelos cidadãos: um estudo sobre a produção colaborativa nos telejornais da Globonews/ 2018	Globonews	- Interatividade - Participação da audiência no telejornal
Os papéis dos jornalistas televisivos e os fluxos local-nacional/ 2020	Jornalistas brasileiros	- Uso das novas tecnologias
A regionalização da mídia televisiva: um breve relato sobre o caso das emissoras TV Meio Norte e TV Cidade Verde/ 2016	TV Meio Norte e TV Cidade Verde	- Campanhas institucionais de exaltação à região - Eventos presenciais com a audiência
Beijos e abraços pelo whatsapp no telejornalismo local: análise do ms record de campo grande, MS/ 2016	MS Record	- Utilizar aplicativos para interação de fácil acesso, como whatsapp - Envolver o telespectador com relação afetiva com o apresentador
A televisão em transformação ...ou como o conteúdo colaborativo pode invadir a TV aberta/ 2016	Televisão brasileira	- Relacionamento com o público, sobretudo nas redes sociais - Conteúdo transmidia para alimentar a audiência - Conteúdo colaborativo na televisão
TV Social, práticas interacionais e modos de presença: contribuição para a delimitação do conceito/ 2016	Televisão brasileira	- TV Social - Compartilhamento de conteúdos numa mesma temporalidade
O telejornal local "a serviço" do cidadão: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição/ 2018	Anhanguera 1ª edição	- Uso do jornalismo cidadão para cobrar direitos dos telespectadores - Novas tecnologias da Informação e Comunicação nos telejornais
A participação dos telespectadores na televisão : uma análise do telejornal Bom Dia São Paulo/ 2020	Bom Dia SP	- Participação e interatividade nos telejornais - Uso de mensagens, fotos e vídeos enviados pelos telespectadores - Desenvolver vínculos e relação com o público
O uso das redes sociais na produção telejornalística cotidiana. Estudo de caso do WhatsApp no RJTV/ 2018	RJTV	- Uso de material enviado por whatsapp incorporado às reportagens

A respeito desses estudos, Oliveira Filho (2019) observa que a adoção de uma linguagem mais próxima e coloquial independe do alcance territorial da transmissão, e que não é característica de telejornais locais ou regionais, pois ela está em conformidade com os interesses estratégicos da emissora, em toda a programação, mas, ao mesmo tempo, carrega desafios quanto “à pluralidade de formas de emprego” (OLIVEIRA FILHO, 2019, p. 103).

Ao passo que a questão geográfica pode ser apontada apenas como aspecto simbólico, para Sousa (2016), ela é determinante para que audiência tenha noção de pertencimento em relação ao que está sendo transmitido. Ao analisar emissoras regionais que veiculam reportagens que focam sumariamente em pautas relacionadas às capitais dos estados onde estão inseridas, negligencia-se o interesse de uma audiência sediada no interior, e, somente com a diversificação e interiorização dos assuntos abordados é possível estreitar laços, uma vez que “esse tipo de programação busca abordar temas que estejam no ‘quintal’ do telespectador, gerando sentimentos de credibilidade, identificação e identidade junto ao público” (SOUSA, 2016, p. 12).

Vale constatar que Oliveira Filho (2019) aponta estratégias que vão desde a criação de slogans por um telejornal, como no caso dos que se apropriam do horário em que são transmitidos: é comum, no caso dos “Praça 1”, da Globo, utilizar o slogan “o seu jornal da hora do almoço”. O autor identifica também como mecanismos de proximidade tanto a aposta na atuação do repórter como personagem das reportagens como a intenção assumida de envolver o telespectador no conteúdo, com convocações para envio de material audiovisual.

A propósito, esse fenômeno da participação do público nos telejornais é apontado por Squirra e Rangel (2017) como algo naturalizado pelo avanço tecnológico, além de um processo que ocorre tanto nas grandes cidades ou emissoras conhecidas como cabeças de rede, geralmente as afiliadas que estão nas capitais dos estados, e também em emissoras menores em cidades afastadas dos grandes centros. O que possibilitou uma aproximação com um telespectador “que, anteriormente, não estabelecia contato direto com a redação. Assim, agora essas pessoas passam a ser consideradas peças indispensáveis na construção dos noticiários, com maior grau de pertencimento e responsabilidade” (SQUIRRA e RANGEL, 2017, p. 39).

Em algum momento, essa estratégia de proximidade mediante envio de vídeos pelo público das emissoras também aparece como algo relacionado à questão financeira/comercial na visão econômica de empresas que são de médio ou pequeno porte. “Na tentativa de driblar os números ruins de receita e audiência, panorama comum às principais emissoras de TV do país, os telejornais locais buscam criar uma sinergia com o público que está do outro lado da tela, incentivando a interatividade e, portanto, a participação do cidadão”, como percebe Tortorella e Saback (2017, p.4).

Para Ghetti (2018), o contexto de produção nas redações ao utilizar aplicativos como *Whatsapp*, também possibilitam uma ferramenta com baixo investimento e aproximação com o público. Além de agilidade num processo que contribui para o produto final que vai ao ar no telejornal.

Neste cenário, a TV convida o telespectador a complementar sua atuação como instituição que trabalha na tessitura da experiência dos sujeitos. Através do extenso volume de informação que provém do público, cada vez mais chegam às redações registros de quem está “vivendo” a notícia. (GHETTI, 2018, p. 67)

Já Tellaroli e Anelo (2016) fazem uma análise mais a fundo nessa questão comercial, que está ligada também a uma mudança no perfil do público que assiste televisão, sobretudo uma parcela do público mais jovem que deixou de assistir porque tem outras possibilidades como internet e Tv paga.

Consequentemente, a natureza do mercado passa por transformações. Isso provoca mudança não apenas nos produtos, mas na relação estabelecida com os consumidores. As empresas, por um lado, estão motivadas pelo fator econômico. Já a motivação entre os consumidores são os interesses políticos e culturais em comum (TELLAROLI e ANELO, 2016, p. 220)

É nesse momento, para as autoras, que aparece uma vertente nesse processo de união entre televisão e internet que chama atenção, mesmo dentro do telejornalismo local. O fato do entretenimento ser buscado a partir da aproximação com o público, que quer ser lembrado pelos apresentadores e ganhar o que as autoras chamam de citações com afeto nos jornais, com a prática dos alô, beijos e abraços (TELLAROLI e ANELO, 2016). O que, para as autoras, pode descaracterizar o formato jornalístico.

Por outro lado, há um ponto que não aparece com frequência nos trabalhos analisados e que parece ser fundamental na delimitação da tão abordada participação do público como aproximação nos telejornais, que aparece na pesquisa de Darde e Augusto (2018, p. 322): “a apropriação desse material informativo pelos jornalistas propicia uma participação efetiva do público na produção da notícia?”

Ao longo do texto, os autores respondem que essa pode ser apenas uma sensação de participação. Apesar do compartilhamento de vídeos com a emissora representar de fato um ato de aproximação, até porque comunidades afastadas das cidades e, portanto, dos próprios repórteres passam a ser retratadas nos telejornais, a função do jornalista em mediar e filtrar esse material indica uma participação apenas no campo do sentimento do público.

Vale destacar que a percepção de proximidade entre os jornalistas que fazem programas locais, aparece em segundo lugar quando questionados sobre qual a definição do que é telejornalismo local, como aponta Pereira e Coutinho (2020, p. 274). Em primeiro lugar, segundo os autores, a maior parte dos profissionais aponta como sendo identidade e/ou identificação o melhor conceito. Cabe a reflexão de como esses jornalistas têm a percepção de que a proximidade não está para a programação local como o fator mais importante. Em outras palavras, desde que aconteça a identificação com o que se vê, o público não precisa necessariamente estar ou se sentir próximo. O que nos garante fazer uma ligação entre a questão abordada anteriormente de que simplesmente se apropriar do material enviado pelos telespectadores é se aproximar de fato, ou se esse ato fica apenas numa falsa impressão para o público.

A partir da análise das respostas, identificamos que ao buscarmos definir o que seria telejornalismo local, em geral, os jornalistas apontaram características de um telejornalismo que se aproxime dos cidadãos, que dê voz, representação e representatividade, e que busque gerar identidade e identificação como público, todos esses princípios do jornalismo público e presentes no Manual de Jornalismo da Empresa Brasil de Comunicação. (PEREIRA e COUTINHO, 2020, p. 275)

É preciso aqui destacar a questão primordial colocada por Svartman (2016), no que se refere não só à participação do público para aproximar a programação televisiva dos telespectadores como também a migração dos programas para as mais diversas telas. Por um lado, atrai e diversifica a audiência e, por outro, faz com que esse mesmo público se sinta com poder de interferir, a ponto de enxergar apenas o que ele deseja com relação ao sentido do que se vê. Assim sendo, observa-se o avanço de uma predisposição à emergência de novos formatos para múltiplas telas, participação do público e relacionamento com essa audiência. “As grandes corporações também fazem experiências envolvendo conteúdo diferenciado, novas formas de transmissão e de relação com o público. Além disso, buscam novos modelos de negócios que possibilitem ganhos em múltiplas telas e plataformas.” (SVARTMAN, 2016, p. 8)

Neste sentido, Silva (2020) observa que o mesmo acontece com o telejornalismo. O dilema atual está para além da aproximação ou interação, num ponto que deve ser relacionado ao novo modelo de negócios.

É preciso de alguma forma encontrar uma intersecção entre o jornalismo e o que está nas redes sociais, ou seja, atrair e fazer refletir esse novo público. Uma adaptação a um novo modelo que está de certa forma sendo imposto por um novo tipo de

consumidor/telespectador. O que antes era um modelo vertical hoje se mostra fora do eixo assumindo um desenho horizontal feito por muitas mãos. (SILVA, 2020, p. 31)

Se o telejornalismo local já vinha apresentando mudanças para inserir mais a audiência no programa, com a pandemia do novo Coronavírus este cenário ficou ainda mais latente, porque a cobertura da pandemia redesenhou a rotina de produção e redefiniu a interface telejornalística.

Principais mudanças de interface do telejornalismo local

Scolari (2018) argumenta que as interfaces projetadas num modelo de sociedade industrial têm sido repensadas. Para o autor, interface está além de um instrumento que permite o sujeito interagir com tecnologias, mas trata-se de uma rede de atores humanos, institucionais e tecnológicos que mantém uma série de relações e processos. Nessa visão macro, destaca-se interface numa perspectiva ecossistêmica.

Mi experiencia en este campo me sugiere que la interfaz como lugar o espacio de interacción es quizá la mejor metáfora, la que revela más rasgos pertinentes de la interacción. Esta metáfora también contiene al resto de las metáforas: en un espacio podemos manipular instrumentos, recibir información, desde las superficies y establecer conversaciones. (SCOLARI, 2018, p. 29)

Nesse conceito expandido de interface, podemos também perceber o telejornalismo como esse espaço de interação entre diversos atores humanos (audiência, jornalistas, fontes, engenheiros, etc.), aparatos tecnológicos ou tecnologias (telas, câmeras, recursos multimídia, transmissores, plataformas de videoconferência) e a instituição (empresa de TV) que acionam diferentes tipos de relações e processos. Para Scolari (2018), a covid-19 escancara o desgaste de certos formatos e modelos pensados há muito tempo. Embora as discussões do autor estejam mais centradas na necessidade de almejar mudanças nos modelos de escola, dos partidos políticos, dos sindicatos, da cidade e dos hospitais, podemos nos apropriar para tensionar o telejornalismo, e, no nosso caso, o telejornalismo local.

A pandemia imputou desafios ao telejornalismo sem tempo de uma organização prévia dos processos. As mudanças foram exigidas com o alastramento da doença em curso. Nos telejornais, de uma hora para outra, os jornalistas tiveram que manter o distanciamento social, decretos limitaram a exposição das pessoas às ruas e demais ambientes públicos, os equipamentos de gravação não puderam ser compartilhados e

tiveram que passar por controles sanitários rígidos. Além disso, ao mesmo tempo em que medidas urgentes de proteção foram tomadas, a duração de exibição do noticiário teve que ser ampliada, na tentativa de esclarecer a população sobre os efeitos e impactos do novo Coronavírus.

Com isso, tornou-se imperioso reformulações na linguagem do telejornal, com o estímulo ao uso de vídeos, fotos e entrevistas produzidas de forma remota, por meio dos celulares, computadores e programas de videoconferência. Soma-se também o fato dos programas dependerem da transmissão instantânea pela internet e ainda das reproduções de imagens direto das casas ou dos espaços particulares.

No geral, cada telejornal local teve que adotar sua ruptura de formato tradicional para se adaptar ao momento de confluência entre o ritmo de produção presencial e a obrigação de aplicação do trabalho remoto, uma vez que ficou demarcado que esses programas coexistem em contextos socioeconômicos e estruturas bem diferentes, ainda que sejam afiliados de uma mesma emissora (BELÉM et al, 2020).

Para além de todos os temas do telejornal versarem em torno da questão do novo Coronavírus e os impactos da crise sanitária nos estados, reforçamos principalmente as mudanças de inserção da participação, tendo como base o estudo apontado por Belém et al (2020), que se debruça sobre os quatro primeiros meses de adaptação das emissoras na pandemia.

Constata-se que a interface do telejornalismo local foi alterada principalmente nos seguintes quesitos (BELÉM et al., 2020): apresentação, produção, aparência dos repórteres, introdução de outros equipamentos na gravação, exploração de novas tecnologias, predomínio do ao vivo e inserção maior de produções colaborativas.

No âmbito das aproximações com a audiência, especialmente, Belém et al (2020) chama a atenção para o fato de que as participações no estúdio foram provisoriamente proibidas pelas emissoras, então as fontes passaram a colaborar com a produção a partir do uso de *softwares* de videoconferência, à distância. De igual modo, o público passou a ser mais inserido na programação, sendo estimulado a enviar depoimentos ou conteúdos para quadros, com vídeos, muitas vezes gravados na vertical, que eram organizados e ganhavam forma em reportagens.

Para que essa postura ganhasse fôlego nos telejornais, foi necessário, em alguns momentos, como relatam os pesquisadores ao exemplificar com o jornal da Globo Nordeste (TV Globo Recife), o apresentador assumir um tom pedagógico para ensinar

como os conteúdos deveriam ser enviados para a emissora, estabelecendo intimidade e proximidade no discurso (BELÉM et al, 2020).

De igual modo, os repórteres que não estavam de plantão nas ruas, fizeram reportagens e transmissões “ao vivo” ou gravadas direto do seu ambiente particular, como casa, apartamento ou áreas de lazer de condomínios, fazendo uso de câmeras portáteis e até de celulares.

Essas estratégias, como a revisão integrativa confirmou, não são próprias deste período crítico da pandemia, mas elas foram potencializadas a partir da necessidade urgente de reinventar formatos já consolidados. Ao nosso ver, isso provoca um redesenho da interface do telejornalismo local e promovem mais efeitos de aproximação com a audiência, a qual tende a se sentir mais acolhida nos processos de produção da notícia.

Considerações Finais

A partir da Revisão Integrativa feita nesta pesquisa, é possível apontar uma lacuna no que se refere ao levantamento das estratégias de aproximação com o público nos telejornais locais ou regionais. No cenário pré-pandemia, ou seja, antes de vivermos essa revolução que representou a Covid-19 nos modos de produção em emissoras televisivas, já se falava em utilizar conteúdo audiovisual enviado pelos telespectadores como um mecanismo de aproximação. Entretanto, essa proximidade é abordada sem necessariamente apontar os mecanismos usados pela instância produtora ou pelos jornalistas que se apropriam do que é feito pela audiência em conteúdo amador-jornalístico. Em outras palavras, aparecem nas publicações questões na produção de sentido, problematizações no que se refere ao barateamento das rotinas de produção com o conteúdo enviado pelas redes sociais e a crise financeira e de audiência como motivo desse aumento de uso. Mas falta avaliar que tipo de espaço é dado para esse material que é feito pelo público? Há mesmo uma utilização de fotos, vídeos amadores como pertencentes ao conteúdo do telejornal ou na delimitação desse espaço a participação do público fica restrita a um subtipo de conteúdo do telejornal?

Já a partir da chegada da pandemia, sabe-se que o que se viu foi justamente uma apropriação muito maior do que o público enviava às redações. Talvez não por consentir que aquilo deveria ser feito como estratégia para aproximar, mas sim porque o jornalista

foi impossibilitado pelas medidas sanitárias de estar onde a notícia acontecia, como nos hospitais, clínicas e unidades básicas de saúde.

Portanto, apesar desta revisão integrativa trazer um panorama bastante diversificado e plural sobre a participação dos telespectadores, não será possível responder se as estratégias mudaram antes e depois da pandemia de Covid-19. Está claro que, por um lado, a questão comercial já prevalecia por incluir nos programas conteúdos que as equipes de reportagem não se davam ao trabalho de refazer. Porém, a medida sanitária que impediu a ida de profissionais ao local da notícia durante a pandemia é mais séria e passou a ficar em primeiro lugar, como medida de saúde e de preservação da vida dos profissionais.

Aqui, defende-se que é preciso continuar analisando até que ponto chegará essa participação do público nos telejornais. Como a pandemia ainda está em curso, não se pode concluir que a normalidade voltou às redações de todo o país, para inferir se o cenário voltou ao pré-pandemia ou se temos um novo cenário e uma nova rotina de produção que será definitiva daqui em diante.

Referências

ABREU, D. C. N.; LACERDA, J. S. A publicidade no contexto das postagens efêmeras no Instagram: uma revisão integrativa. **Revista Latino-americana de las ciencias de la comunicación**, Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), v. 19, n. 34, p. 66-79, mai-ago, 2020

BELÉM, V., MESQUITA, G., CIRNE, L., SIQUEIRA, F., CAJAZEIRA, P. Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste? In: **18o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2580/1453>

BELÉM, V., CIRNE, L. Eu, Apresentador: Personificação e Condução Proeminente na Apresentação do Telejornal. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém -PA, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1465-1.pdf>

BOAVENTURA, Luís; NODARI, Sandra. A pandemia do novo Coronavírus muda a rotina do telejornalismo: como foi o primeiro mês da Covid-19 no Bom Dia Pernambuco? In: EMERIN, Cárilda; Pereira, Ariane;. (Org.). **Telejornalismo contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**. 1ed.florianópolis: Insular, 2020, v. 1, p. 147 – 160

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. RJ: Bertrand Brasil, 1998

CERQUEIRA, Laerte; GOMES, Elane. Telejornalismo remoto: O que se incorporar à rotina das redações e dos profissionais pós-pandemia? In: **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1. Ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 163 – 176, 2020

CIRNE, L.. As renovações nas formas narrativas e de apresentação dos telejornais como lógicas de aproximação com os telespectadores. **Âncora - Revista latino-americana de Jornalismo**, v. 02, 2015, p. 25-50

DARDE, V. W. S., AUGUSTO, F. Os usos do aplicativo Na Rua pelos cidadãos. Um estudo sobre a produção colaborativa nos telejornais da Globonews. **Revista ECCOM**, Lorena, SP, v. 9 n. 17, 2018. P. 321-332

FECHINE, Yvana. TV Social, práticas interacionais e modos de presença: contribuição para a delimitação do conceito. In: **XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, 07 a 10 de junho de 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/pdfformatsite_3428.pdf

GHETTI, Mariana de Carvalho. O uso das redes sociais na produção telejornalística cotidiana. Estudo de caso do WhatsApp no RJTV. **PPGMC - Teses e Dissertações**, Niterói, RJ, 2018

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, n. 17, v. 4, p. 758-64, Out-Dez, 2008.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Proximidade no telejornalismo local e regional: uma proposta de sistematização. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 21 n. 2, Maio/Agosto, p. 102-105, 2019.

PEREIRA, G. T. de F., & Maria da Silva Coutinho, I. (2020). Os papéis dos jornalistas televisivos e os fluxos local-nacional. **Triade: Comunicação, Cultura E Mídia**, 8(19), 260–284

RENAULT, Leticia. O telejornal vai à guerra: a cobertura da pandemia de coronavírus no Brasil sob ataques do governo. In: EMERIN, Cárlica; Pereira, Ariane;. (Org.). **Telejornalismo contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**. 1ed.florinópolis: Insular, v. 1, 2020, p. 115-128

ROCHA, Jordânia. O telejornal local "a serviço" do cidadão: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição. 2018. 256 f. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)** - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018

SCOLARI, Carlos A. **Las leyes de la interfaz**: Barcelona, Gedisa, 2018

SILVA, Alexandra Freitas da. A participação dos telespectadores na televisão: uma análise do telejornal Bom Dia São Paulo. **Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020

SOUSA, Leila Lima de. A regionalização da mídia televisiva: um breve relato sobre o caso das emissoras TV Meio Norte e TV Cidade Verde. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2730-1.pdf>

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010

SQUIRRA, S. C.; RANGEL, I. P. Os impactos tecnológicos nos telejornais regionais: um estudo sobre produção de notícias no Vale do Paraíba/SP. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 20, n. 3, p. 34-48, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/42398>

SVARTMAN, Rosane. A televisão em transformação ...ou como o conteúdo colaborativo pode invadir a TV aberta. In: **XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compo-stextocomnome_3403.pdf

TELLAROLI, T. M.; FERREIRA ANELO, C. R. Beijos e abraços pelo whatsapp no telejornalismo local: análise do ms record de campo grande, ms. **Revista GEMInIS**, v. 7, n. 1, p. 215-233, 6 jul. 2016

TORTORELLA, Bruno; SABACK, Lilian. As novas formas de produção no jornalismo contemporâneo: as redes sociais como termômetro da pauta da RecordTVRio. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba – PR, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0861-1.pdf>

VALENTE, Jonas. Covid-19: Governo declara transmissão comunitária em todo o país. **Agência Brasil**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-governo-declara-transmissao-comunitaria-em-todo-o-pais>

VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In VIZEU, Alfredo(Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis:Vozes, 2008